

# ESPAÇO, LUGAR E VIRTUDE EM *A NOVA HELOÍSA DE ROUSSEAU*: Júlia e a paisagem de Clarens

Luciano da Silva Façanha  
Márcia Manir Miguel Feitosa  
Lussandra Barbosa de Carvalho

## RESUMO

Os textos literários com riqueza de detalhes paisagísticos têm possibilitado análises e críticas através da apreciação de elementos naturais e culturais de seus enredos, bem como da experiência subjetiva dos escritores em relação ao espaço e ao lugar. A presente pesquisa parte de análises da produção literária do romance *Júlia ou A Nova Heloísa* do consagrado filósofo Jean-Jacques Rousseau. Publicada no século XVIII, a polêmica obra apresenta-se como um terreno fértil para as questões interdisciplinares que envolvem principalmente a Filosofia e a Literatura. Visa-se pontuar a relação propiciada por estas análises com as teorias da percepção da paisagem presentes nas obras de autores como Yi-Fi Tuan. De modo geral, tem-se como proposta destacar como se configura a paisagem de Clarens pelas mãos da virtuosa senhora de Wolmar no referido romance e de como essa relação possibilita a percepção do imaginário referente à *Nova Heloísa*.

**Palavras-chave:** Espaço. Lugar. Virtude. Rousseau. Júlia. Clarens.

## 1 INTRODUÇÃO

O termo *Espaço* possui importância em diversas áreas do conhecimento. De acordo com Brandão (2013, p. 47), “A feição transdisciplinar da categoria pode ser constatada em estudos que aproximam distintas áreas do conhecimento – como geografia, teoria da arte, física, filosofia, teoria da literatura, urbanismo, semiótica [...]”. No que se refere à Literatura, compreende-se o espaço como o cenário onde se efetua a ação dos personagens.

Segundo Brandão (2013), existem dois tipos de espaço: o social e o psicológico. O “espaço social” é conceituado como sinônimo de conjuntura histórica, cultural, econômica e ideológica. No entanto, o “espaço psicológico” abarca as sensações, as perspectivas, as vontades dos personagens e, ainda, dos narradores. Pontua-se que a Geograficidade, que se conceitua como condição espacial para a existência do ser humano, compreende tanto o espaço social quanto o espaço psicológico.

Os estudos culturais também alcançam a Literatura que, por sua vez, é dotada de espacialidade, pois, no texto literário, o desdobramento espaço/lugar se efetua no próprio entendimento do que é a obra, o espaço se configura, assim, como “[...] sinônimo de simultaneidade, e é por meio desta que se atinge a totalidade da obra” (BRANDÃO, 2013, p.61).

As características sócio-espaciais, como a sensação de pertencimento a um lugar, são reflexos da relação do homem com o meio que o rodeia, são frutos da experiência vivida que se estabelece numa dada cultura e num meio natural específico. A Geografia volta-se a um pensar sobre a relação do homem com o mundo em que vive (ROCHA, 2007). Em acordo com Werther Holzer, foi o teórico Yi-Fi Tuan quem percebeu que há “[...] dois modos de se ler os conceitos geográficos: 1) a partir dos processos físicos que afetam as formas da Terra; 2) nas marcas que o homem imprime na natureza como agente. Sendo que este segundo modo se relacionaria com as humanidades” (HOLZER, 2008, p.139). Tuan (2013) percebeu que o espaço e o lugar podem ser percebidos também a partir dos sentimentos e das ideias de um povo. Segundo o teórico,

[...] a importância do ‘lugar’ para a geografia cultural e humanista é, ou deveria ser, óbvia [...] Como em um único e complexo conjunto — enraizado no passado e incrementando-se para o futuro — e como símbolo, o lugar clama pelo entendimento humanista (HOLZER, 2008 apud TUAN, 2013 p. 142).

De um modo geral, quando os autores produzem seus textos, inserem nele a representação de cenários reais ou imaginários. No caso de *Júlia ou A Nova Heloísa*, o autor utilizou-se da representação de espaços de vivências reais, como afirma em *As Confissões*, mas também reproduziu cenários imaginários, dotando sua obra de detalhes em relação ao lugar e ao espaço, possibilitando que a mesma fosse analisada pela perspectiva histórica, cultural e paisagística.

## 2 A NOVA HELOÍSA E O CONCEITO DE VIRTUDE ROUSSEAUNIANO

O século XVIII foi um período marcado por inúmeras descobertas em vários âmbitos, sobretudo, no campo científico e filosófico. A razão tornou-se a norteadora de todos os caminhos, e por ela todas as palavras finais deveriam ser crivadas. Pouco se dava importância aos escritos sobre os sentimentos, inclusive, aos romances.

Percebe-se, no entanto, uma relação entre um romance do século XIII, *Heloísa e Abelardo*, e o romance de Rousseau. Em ambos, uma jovem de classe aristocrática vive uma história de amor com seu humilde preceptor e, ainda no enredo de *A Nova Heloísa*, o referido romance é mencionado quando a personagem Clara dirige-se à Júlia: “[...] prima, foste amante como Heloísa, agora, és devota como ela, queira Deus que seja com maior sucesso!” (ROUSSEAU, 1994, p. 433).

Foi no período das Luzes que Jean-Jacques Rousseau fez dos personagens principais de seu romance os propagadores de sua filosofia. *Júlia ou A Nova Heloísa* é, na verdade, um romance enciclopédico, pois nele há uma compilação da filosofia de Rousseau, além de ser epistolar e filosófico. Os sentimentos são as características predominantes no enredo, que revela o drama protagonizado pelos personagens Júlia d’Etange, uma moça de família aristocrática, e seu preceptor, o pobre e solitário Saint-Preux. O casal vive, em segredo, uma história de amor fora dos padrões da sociedade, mas quando o romance é descoberto pela mãe da moça, cai por terra toda esperança de viverem juntos, pois o pai de Júlia afirma que a jovem jamais poderia se envolver amorosamente com um homem que não fosse nobre.

Júlia não é um modelo de moça casta para um romance do período. Ela se entrega a Saint-Preux de todas as formas possíveis, contudo, sente-se culpada por ousar viver um amor proibido e,

por isso, obedece as ordens ditadas pelo preconceito e autoritarismo do Barão d'Etange, casando-se com um homem que nem conhecia e tampouco amava.

No desenrolar da trama, a personagem amadurece, tem filhos e constrói uma família para a qual se dedica e que ama de verdade, tornando sua casa um “[...] elevado sistema de valores, cuja base [se concentra] nos deveres do indivíduo para com a família e o resto da comunidade” (PRADO, 2003, p.33).

Júlia crê estar curada do antigo amor que viveu, e passa a ver nele um mal que nunca deveria ter ocorrido, o fruto de um pecado que deve ser espiado por ela, embora permaneça amiga de Saint-Preux com quem se preocupa e torce para que não sofra mais e a esqueça como amante.

A personagem somente se tornará *A Nova Heloísa* em seu leito de morte, quando percebe a farsa da qual ela própria foi vítima, pois mascarou seus sentimentos, acreditando ter cometido um crime por amar, na juventude, alguém que não se encaixava nos moldes sociais de um pai orgulhoso e preconceituoso: “Iludi-me por muito tempo, essa ilusão foi-me salutar, ela se desfaz no momento em que mais preciso dela. Vós me julgastes curada e pensei está-lo” (ROUSSEAU, 1994, p.634), e assim constata que nunca deixou de amar Saint-Preux e que nunca cometeu crime algum, ao contrário, foi vítima da hipocrisia dos costumes sociais:

Meu amigo faço esta confissão sem vergonha, este sentimento que permaneceu apesar de mim foi involuntário, ele nada custou à minha inocência, tudo o que depende de minha vontade escolheu meu dever. Se o coração, que dela não depende, vos escolheu, isto foi meu tormento e não meu crime. Fiz o que tive de fazer, fica-me a virtude sem mácula e ficou-me o amor sem remorsos (ROUSSEAU, 1994, p.634).

Júlia é virtuosa, por ser guiada pela própria razão ao perceber o mal que lhe causaram em nome de uma falsa virtude: “A virtude, que nos separou na terra, nos unirá na morada eterna”.

O autor faz uso do romance para exemplificar conceitos de sua filosofia, como o caso do **amor próprio** que, em Rousseau, nada mais é do que uma máscara que o indivíduo faz uso para se apresentar como quer ser visto em sociedade e o **amor de si** que nada mais é do que agir como realmente se é de verdade, sem máscaras. Para o autor, a verdadeira virtude é aquela que permite que se viva como de fato se é, sem precisar fingir, como fez Júlia, que mentiu para si própria, vestindo-se de uma “falsa virtude” pregada pela sociedade hipócrita que a cercava, uma virtude que diz que se tem que agir de acordo com uma classe social para se encaixar num grupo (amor próprio), onde importa mais a opinião do outro do que a própria felicidade do indivíduo. Desta forma, para tratar da virtude e para que seu pensar filosófico fosse compreendido, Rousseau optou falar a linguagem dos romances “[...] pressentindo, dessa forma, as rusgas, entre discursos possíveis no século XVIII” (FAÇANHA, 2012, p.82).

### 3 ESPAÇO, LUGAR E PAISAGEM EM CLARENS

Júlia apresenta-se como *alter ego* de Rousseau, que vê em seu livro uma ferramenta capaz de esclarecer sua filosofia para pessoas habituadas a entender textos literários. A Senhora de Wolmar não é uma protagonista revolucionária que se rebelou contra os costumes de seu tempo, mas possui uma certa autonomia nas decisões tomadas na propriedade em que vive. Mesmo submissa ao marido, a última palavra da casa era dela, como pontua Saint-Preux:

Quando o Senhor de Wolmar disser: eu vos despeço, pode-se implorar a proteção da Senhora, obtê-la às vezes e, a seu pedido, voltar a cair nas boas graças, mas ser despecido por ela é algo irrevogável e não há mais nada possível. Esse acordo é muito bem concebido para temperar, ao mesmo tempo, o excesso de confiança que se poderia ter na doçura da mulher e o temor extremo que causaria a inflexibilidade do marido (ROUSSEAU, 1994, p.390).

É como mãe de família que Júlia torna-se superintendente de seu lar e da paisagem em torno de Clarens: “Pois é bom dizer-vos que sou sua superintendente e que meu marido deixa-me sua completa organização [...]” (ROUSSEAU, 1994, p.410). A casa dos Wolmar é descrita por Saint-Preux como uma propriedade onde “Tudo é agradável e aprazível, nada faz sentir a riqueza e o luxo. Não existe nem um quarto onde não nos sintamos no campo e onde não encontremos todas as comodidades da cidade” (ROUSSEAU, 1994, p.385).

A mansão Wolmar é adornada por uma paisagem jamais vista antes pelo solitário Saint-Preux:

A entrar nesse pretense pomar, senti-me atingido por uma agradável sensação de frescor que obscuras sombras, uma verdura animada e viva, flores esparsas por todos os lados, um murmúrio de água corrente e o canto de mil pássaros trouxeram à minha imaginação pelo menos tanto quanto aos meus sentidos; mas, ao mesmo tempo, julguei ver o lugar mais selvagem, mais solitário da natureza e parecia-me ser o primeiro mortal a ter alguma vez penetrado nesse deserto. (ROUSSEAU, 1994, p.410).

Esse espaço é moldado pela própria personagem de forma discreta: “É verdade, disse, que a natureza fez tudo, mas sob a minha direção e nada há que tenha aqui que eu não tenha organizado [...]” (ROUSSEAU, 1994, p.410). Embora encantado com o lugar, o personagem não compreende tanto trabalho para que tudo parecesse natural “não teria sido preferível não se darem ao trabalho?” (ROUSSEAU, 1994, p.416) e acrescenta:

Censuro apenas uma coisa a vosso Eliseu, acrescentei olhando Júlia, mas que vos parecerá grave, é de ser um divertimento supérfluo. Para quê criar um novo passeio tendo, do outro lado da casa, bosquezinhos tão encantadores e tão desprezados? É verdade, disse ela um pouco embaraçada, mas prefiro isto. Se tivésseis pensado bem em vossa pergunta, antes de fazê-la, interrompeu o Sr. de Wolmar, ela seria mais do que deslocada. Desde seu casamento, minha mulher nunca pôs os pés nos bosquezinhos de que falais. Conheço a razão, embora ela sempre ma tenha calado. Vós, que não o ignorais, aprendei a respeitar os lugares em que vos encontrais, eles são plantados pelas mãos da virtude (ROUSSEAU, 1994, p.421).

Na tentativa de evitar o bosquezinho, pois fora nele onde deu o primeiro beijo em Saint-Preux, a Senhora de Wolmar opta por evitar o lugar em que lembranças da juventude sacrificada pela vontade do pai, pois em acordo com Tuan (2013, p.6), “[...] o significado de ‘espaço’ é mais abstrato do que ‘lugar’. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”, ou seja, um espaço, quando possui uma certa representação para o indivíduo, transforma-se em lugar. Assim, quando Júlia de Wolmar evita o bosquezinho, é porque aquele espaço dotou-se de uma determinada representação. A personagem, assim, na tentativa de preservar seus pensamentos somente para sua família, poupa-se da paisagem do bosquezinho, que, certamente, faria-a rememorar seu passado. A paisagem possui, assim, o poder de atingir o imaginário de Júlia, que usa a virtude de fugir desse feito. Para Dardel (2011, p. 31), a paisagem

[...] coloca em questão a totalidade do ser humano, suas ligações existenciais com a Terra, ou, se preferirmos, sua geograficidade original: a Terra como lugar, base e meio de sua realização. Presença atraente ou estranha, e, no entanto, lúcida. Limpidez de uma relação que afeta a carne e o sangue.

A senhora de Wolmar transforma Clarens num retiro perfeito para sua família e amigos, onde reina a simplicidade, e ninguém parece melhor do que ninguém.

A grande máxima da Senhora de Wolmar é pois a de não favorecer as mudanças de condição social mas a de contribuir para tornar feliz cada um na sua, sobretudo a de impedir que a mais feliz de todas, que é a do camponês num estado livre, se despojee em favor das outras (ROUSSEAU, 1994, p.464).

Nota-se aí uma breve demonstração da filosofia de Rousseau no que tange à *belle nature*, para ele, não é somente o ambiente que sofreu com as modificações que o homem fez na natureza, mas, inclusive, o próprio homem tornou-se vítima desse processo civilizatório ao longo do tempo e por ele foi corrompido.

Júlia transforma o espaço em lugar não apenas mantendo a harmonia no lar, mas também preservando a originalidade do ambiente e da paisagem, pois não a destrói, mas imita o ambiente natural. Há, em Clarens, uma ação conjunta e respeitosa entre a cultura e a natureza, em que uma não impede a outra onde, ambas se harmonizam sem perdas nem danos.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Rousseau inaugura um novo conceito de virtude em seu romance, onde a razão, tão louvada no século das Luzes, não seria substituída, mas poderia se aliar harmoniosamente aos sentimentos. Júlia, como tantas mulheres que viveram no período, foi vítima de uma sociedade imbuída de amor próprio, de preconceitos e mascarada de hipocrisias, e se torna *A Nova Heloísa* por descobrir isso em seu leito de morte, onde revela sempre ter amado Saint-Preux, e que ambos foram vítimas de uma falsa virtude que os impediu de fugirem e viverem felizes juntos.

Enquanto se iludia, mascarando seu verdadeiro amor até mesmo para si própria, a Senhora de Wolmar dedicou-se fielmente à sua família, cuidando zelosamente da propriedade Clarens sem agredir a paisagem natural, mas unindo as necessidades de plantio e cultivo ao ambiente que a rodeava, sempre evitando o bosquezinho onde dera o primeiro beijo de sua juventude a fim de poupar lembranças que não poderia dividir com seus pensamentos de mãe de família. O autor aproveita-se desse momento da vida da personagem para fazer seu culto à natureza, característica essa tão marcante de sua filosofia, e é nesse momento que o espaço em Clarens deixa de ser apenas um ambiente físico e passa a ser dotado de valor e representatividade por via dos sentimentos.

---

**SPACE, PLACE AND VIRTUE IN ROUSSEAU'S *NEW HELOISE*:  
*Julie and the landscape of the Clarens***

**ABSTRACT**

The literary texts with rich landscape details have enabled analysis and criticism through the appreciation of natural and cultural elements of their plot as well as the subjective experience of writers in relation to space and place. The present research starts from analyzes of the literary production of the novel *Julie or The New Heloise* of the consecrated philosopher Jean-Jacques Rousseau. Published in the eighteenth century, the controversial work appears as a breeding ground for interdisciplinary issues that mainly involve Philosophy and the Literature. It is aimed to point out the relationship provided by these analyzes with the theories of landscape perception present in the works of authors such as Yi-Fi Tuan. In general, it is proposed to highlight how the landscape of Clarens is configured by the virtuous lady of Wolmar in the novel and how this relationship makes possible the perception of the imaginary concerning the New Heloise.

**Keywords:** Space. Place. Virtue. Rousseau. Julie. Clarens.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Luís Alberto. **Teorias do espaço literário**. Belo Horizonte: Perspectiva, 2013.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FAÇANHA, Luciano da Silva. A concepção estética do Pigmalião e os efeitos artísticos da mimesis no romance *A Nova Heloísa*. **Argumentos: Revista de Filosofia (Impresso)**, v. 8, p. 1-268, 2012.

HOLZER, Werther. A geografia humanista: uma revisão. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, Edição comemorativa, p.137-147, 2008.

PRADO, Raquel de Almeida. **A jornada e a clausura**: figuras do Indivíduo no romance filosófico. São Paulo: Ed. Ateliê, 2003.

ROCHA, Samir Alexandra. Geografia humanista: história, conceitos e o uso da paisagem percebida como perspectiva de estudo. **Revista RA'EGA**, Curitiba, n.13, p.19-27, 2007.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Júlia ou A Nova Heloísa**. Tradução: Fúlvia Moretto. Campinas: Hucitec, 1994.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 2013.

## MINIBIOGRAFIA

### **Luciano da Silva Façanha**

Pós-Doutorado em Filosofia pela PUC/SP. Doutor e Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atualmente atua na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), como professor no Departamento de Filosofia (DEFIL) e no Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade (PPGCult).

### **Márcia Manir Miguel Feitosa**

Doutora em Literatura Portuguesa pela USP e Pós-Doutora, com bolsa CAPES, pelo Programa Ciência sem Fronteiras, em Estudos Comparatistas na Universidade de Lisboa. Professora Associada IV da Universidade Federal do Maranhão. Autora do livro *Fernando Pessoa e Omar Khayyam: o Ruba'iyat na poesia portuguesa do século XX* (1998) e organizadora, juntamente com a Professora Ida Ferreira Alves, da Universidade Federal Fluminense, do livro *Literatura e paisagem: perspectivas e diálogos* (2010).

### **Lussandra Barbosa de Carvalho**

Mestre em Cultura e Sociedade pelo Programa de Pós-Graduação em Sociedade. Graduada em Letras. Graduanda em Filosofia pela UFMA. Professora de Língua Portuguesa do Colégio Universitário-COLUN/UFMA. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar Jean-Jacques Rousseau (GEPI J-J Rousseau) e integrante do Grupo Interdisciplinar em Literatura e Paisagem (GEPLIT).